



DOS RIOS DELTANOS ÀS RUAS MANAUARAS: QUESTÕES TERRITORIAIS ENVOLVENDO A ETNIA INDÍGENA VENEZUELANA WARAO

Rosa Patrícia Viana Pinto Farias¹

RESUMO

Este artigo busca compreender o processo migratório do povo Warao, desde o delta do Orinoco, no nordeste da Venezuela até a capital amazonense - Manaus - no norte do Brasil. São objetivos do artigo: identificar a importância da territorialidade na vida desta população; analisar os aspectos subjacentes ao seu deslocamento do território Warao aos centros urbanos do país e a posterior emigração para países vizinhos, sobretudo o Brasil; por fim, demonstrar o estado atual de não lugar que atinge esta população que vive em Manaus. A metodologia utilizou pesquisa bibliográfica sobre território, migração, desterritorialização e a ideia do não lugar.

PALAVRAS-CHAVE; Warao; migração; não lugar.

ABSTRACT

This article wants to understand the migration process of the Warao people from the Orinoco delta in northeastern Venezuela to the Amazon capital - Manaus - in northern Brazil. The objectives of the article are: to identify the importance of territoriality in the lives of this population; to analyze the aspects underlying their displacement from Warao territory to the urban centers of the country and the subsequent emigration to neighboring countries, especially Brazil; finally, to demonstrate the current state of non-place that affects this population living in Manaus. The methodology used bibliographical research on territory, migration, deterritorialization, and the idea of non-place.

KEYWORDS: Warao; migration; non-place.

1 INTRODUÇÃO

A relação do indivíduo com o lugar onde nasce e vive vai além de uma porção de terra onde este habita, de onde tira seu sustento e das pessoas com as quais se relaciona. Acima de tudo, é o espaço onde constrói sua identidade como ser humano, como comunidade, e no caso Warao, como povo indígena. Apesar das várias abordagens a respeito do conceito de território, neste artigo optamos por focar em seu aspecto funcional-simbólico, "uma vez que há uma indissociabilidade entre a

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: rosa.patricia.farias@gmail.com

realização de suas funções e a produção de seus significados" (PICHETH; CHAGAS, 2018).

A identidade se constrói por meio das múltiplas relações com as territorialidades que os indivíduos estabelecem diariamente e envolve, necessariamente, a produção de obras materiais e imateriais (Saquet e Briskievicz, 2009). Quando o indivíduo em questão é indígena, essa relação se apresenta em um formato cosmológico, universal. Segundo Salmón (2000), o conceito de *kincentric ecology* refere-se à relação de familiaridade ancestral que os indígenas mantêm com o território e a natureza, à ideia de que essas pessoas também são parte da complexidade de um ecossistema, e não apenas habitam nele. O conceito também aborda o aspecto espiritual deste sentimento de proximidade e pertencimento como elemento essencial para a construção da relação com o ambiente em que essas pessoas vivem.

Para entendermos o conceito de território exige-se que consideremos três dimensões das estruturas e dinâmicas territoriais: proximidade – relacionada ao contexto e às relações que ela propicia, como ordens relacionais, o conhecimento e a identidade partilhada de forma coletiva; densidade – as interações contínuas, aprendizagens e competências; e polimorfismo estrutural - tensão entre mobilidades e territorializações (REIS, 2005).

Os Warao, assim como os demais grupos indígenas, possuem uma relação pautada na reciprocidade e no respeito com o lugar herdado por seus milenares ancestrais. No presente artigo, analisaremos a importância do território habitado pelos Warao e o processo de desterritorialização sofrido por esse grupo, assim como suas consequências para essa etnia, pois não basta tomar o território enquanto lugar matriarcal do 'processo de vida' e das capacidades de seus atores. É necessário que essa conformidade interfira na produção de conhecimentos, que tenha uma dimensão epistemológica (REIS, 2005).

2 DESENVOLVIMENTO

Os Warao são originários do delta do Orinoco, no Estado do Delta Amacuro, no nordeste da Venezuela. Eles ocupam a região há cerca de 8 mil anos. É o segundo povo indígena mais populoso da Venezuela, contabilizando

aproximadamente 49.000 pessoas². O Delta é uma região onde se misturam águas salgada e doce, possui um ecossistema rico e produtivo para o povo que vivia da caça, da pesca e coleta de produtos da floresta. O termo Warao traduz-se como "povo do barco"³, após a conexão íntima ao longo da vida dos Warao com a água. São falantes de língua comum do mesmo nome, embora apresente empréstimos linguísticos dos troncos linguísticos aruaque e caribe.

Quanto à organização social, costumam formar "unidades endogâmicas, com estrutura social relativamente igualitária, sendo a liderança em cada comunidade exercida pelo mais velho, um *Aidamo*" (Botelho; Ramos; Tarragó, 2017, p. 13). O padrão de residência é descrito como matrilocal⁴. Lafée-Wilbert e Wilbert (2008, p. 47) complementam com outras informações acerca dos hábitos waraos: "A pesca nos pastos e bosques alagadiços se realizava com as mãos, hastes sem ganchos, cuias, estacas, arpões e cestas. A caça dependia de arco e flecha especializada, lanças e cães".

Nas comunidades Warao, há a divisão de tarefas de acordo com a idade e o sexo. As mulheres da comunidade são responsáveis pelo cultivo, coleta e preparação dos alimentos, fabricação de redes e cestas, além dos cuidados com os filhos pequenos e com os doentes. Já os homens constroem as casas e as canoas, preparam os terrenos para a agricultura, caçam e pescam (LAFÉE E WILBERT, 2001).

Estudos antropológicos, linguísticos e arqueológicos apontam para a região do delta do Orinoco, como espaço tradicional de ocupação Warao, já que possui indícios de que sua territorialidade e mobilidade foram mais amplas em períodos pré-coloniais, abarcando a região das Antilhas (Soneguetti, 2017, p. 6). Toda essa rede de relacionamentos, vivências e conhecimentos caracterizou o povo Warao como uma das etnias mais antigas, numerosas e autônomas da Venezuela, orgulhosa de sua história e mantenedora de seus traços socioeconômicos e culturais, pautada na transmissão de conhecimentos através da oralidade e da prática diária de seus principais usos e costumes.

² Parecer Técnico Nº 10/2017/SEAP/PGR.

³ROBERT CLARK, Patricia (2009). *Tribal Names in the Americas [Nomes Tribais das Américas]* (em inglês) 50ª ed. [S.l.]: McFarland&Company

⁴ Nesse tipo de comunidade, os homens, após a união, passam a morar na casa ou comunidade da esposa, compromisso esse selado no dia do casamento. (BOTELHO; RAMOS; TARRAGÓ, 2017, p. 13)

Para tratar sobre a desterritorialização sofrida por esse povo, nos apoiaremos no conceito de que esta “é um processo voluntário ou forçado, violento, de perda de território, de quebra de controle das territorialidades pessoais ou coletivas, de fratura no acesso a territórios econômicos, simbólicos, a recursos, a bens” (Haesbaert, 2004). Em uma tentativa de sistematizar os vários momentos em que os Warao sofreram intervenções em seu território, usaremos o termo “onda” para designar os múltiplos fatores que influenciaram a saída de seus territórios ancestrais rumo a novos locais em busca de sobrevivência.

A primeira “onda” que atingiu o território Warao ocorreu na década de 1920, após a introdução do tubérculo *ocumo chimo*⁵ na região (Heinen, Lizarralde e Gómez, 1990), que substituiu o tradicional moriche – ou buriti - de onde tiravam a fibra para confecção de redes, cestos e outros itens de uso cotidiano. O pesquisador da UFPB, Jamerson Lucena: “Isso acabou desembocando em um processo de sedentarização dos Warao, além do fluxo cultural proveniente de troca com outras populações caribenhas que dispunham de horticultura mais sofisticada”.⁶

A segunda “onda” que atingiu os Warao ocorreu na década de 1960, quando o governo venezuelano empreendeu vários projetos que causaram impactos sobre o ambiente e meio de vida desse grupo – como a criação de uma barragem para a construção de uma rodovia até a cidade de Tucupita, capital do Estado de Delta Amacuro, que afetou a distribuição de águas salgadas e doces e prejudicou a pesca, alterando também a qualidade do solo. De acordo com Castro e Heinen (1999), em 1966, 170 mil hectares de terras no Delta e ao sul de Monagas ficaram protegidas das inundações. Nestes locais foi impulsionado o cultivo de milho, feijão e arroz e, em menor escala, de banana e cacau.

Essas e outras intervenções causaram o desaparecimento de vinte e uma comunidades Warao (Paz, 2004), banidos de seus territórios de forma violenta pelos produtores rurais. Além disso, ainda na década de 1990, projetos de exploração de

⁵ O *ocumo chimo* é uma planta tropical que se desenvolve, preferivelmente, em zonas pantanosas e debaixo da água; o que torna possível seu cultivo no estado Delta Amacuro, principalmente, na cidade de Antônio Dias, pois suas áreas são excessivamente úmidas (VILÓRIA E CÓRDOVA, 2008, p. 98-99).

⁶ PAZ, Pedro. **Pesquisadores da UFPB apoiam 297 indígenas venezuelanos na Paraíba. Portal da Universidade Federal da Paraíba.** João Pessoa, Paraíba. 28 de jul. de 2020. Disponível em: <<https://www.ufpb.br/ufpb/contents/noticias/pesquisadores-da-ufpb-apoiam-297-indigenas-venezuelanos-na-paraiba>> Acesso em: 11/dez./2020.

petróleo contribuíram para o êxodo Warao, configurando a terceira “onda”. Sobre essa intervenção no território Warao, Rosa (2020) afirma:

Para os indígenas Warao [...], a presença da indústria petrolífera perturbou a harmonia e o ambiente natural do delta do Orinoco, prejudicando o acesso a seus locais sagrados e perturbando comunidades antes isoladas. [...] Os padrões culturais, [...] o modo tradicional de agricultura e a alimentação, bem como o uso de recursos etnobotânicos para o tratamento de doenças, foram alterados. Seus territórios foram invadidos por instalações das petrolíferas, causando a migração para as cidades (ROSA, 2020, Apud BUSTAMANTE; SCARTON, 1999, p.82).

A quarta “onda” que atingiu os Warao foi um surto de cólera, ocorrido entre 1992 e 1993, “levando a óbito cerca de 500 pessoas no delta do rio Orinoco, em sua maioria, indígenas Warao, no qual praticamente a comunidade Warao de Mariusa desapareceu, [...] sendo devastada pela doença” (Santos, 2020 apud Rosa, 2020). Tal catástrofe sanitária levou um grande número de pessoas dessa etnia a procurar os espaços urbanos nas cidades de António Diaz, Tucupita, Barrancas, Caracas entre outras, ocasionando ciclos migratórios internos ou fixação nesses centros urbanos.

Essas intervenções, somadas à crise generalizada na Venezuela deram início, ainda em 2014, a ondas migratórias para outros países. Para Soneghetti (2017), a crise foi marcada pela queda nos preços do petróleo, que conseqüentemente atingiu a produção econômica, elevou os níveis de desemprego, desvalorizou a moeda e causou hiperinflação. Tais fatores atingiram os programas sociais, o que potencializou os fluxos migratórios dos Warao para países vizinhos, como o Brasil. "O deslocamento de indígenas Warao para as cidades brasileiras é motivado fundamentalmente pela busca de alimentos, trabalho fixo ou temporário e dinheiro, além de acesso a saúde" (p.8).

De acordo com os dados da ACNUR (2019), os países latino-americanos estão recebendo a maioria dos venezuelanos, como a Colômbia (1,3 milhão), Peru (768 mil), Chile (288 mil), Brasil (168 mil) e Argentina (130 mil).⁷ Estes dados demonstram que, devido à proximidade e a certa facilidade em cruzar nossas fronteiras, o Brasil tem sido cada vez mais procurado por povos de países

⁷ Disponível em agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2019-06/numero-de-refugiados-e-migrantes-da-venezuela-chega-4-milhoes. Acesso em 30/junho/2021.

fronteiriços que têm atravessado nossas divisas em busca de melhores condições de vida.

Após um certo período em cidades de Roraima, centenas deles continuaram seu êxodo e entre o final de 2016 e o início de 2017, chegaram a Manaus em grandes números. Sem conhecidos e sem dinheiro, esses indígenas se estabeleceram inicialmente no próprio Terminal Rodoviário de Manaus, no bairro de Flores, na Zona Centro-Oeste da cidade. Sem moradia, passaram a dormir em pedaços de papelão e pedir dinheiro para sobreviver. Passados alguns meses, atravessaram a rua e construíram barracas embaixo do Viaduto de Flores.

Segundo Augé (2012), alguns lugares, que para a maioria das pessoas se constituem em lugares de passagem - como feiras, aeroportos e rodoviárias - para outras podem ser a definição de lar. Ele afirma que "se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar" (p. 73). Desde que deixaram suas terras, os Warao se encontraram em não lugares: seja nos centros urbanos da Venezuela ou nas estradas e rodoviárias brasileiras. Augé (2012, p. 98) chama de paradoxo do não lugar: "o estrangeiro perdido num país que não conhece (o estrangeiro 'de passagem') só consegue se encontrar no anonimato das autoestradas, dos postos de gasolina, das lojas de departamento ou das cadeias de hotéis".

Em Manaus, seus usos e costumes (como o isolamento dos outros venezuelanos) causou estranheza em uma parcela da população, que passou a vê-los como "estranhos", "invasores", "perigosos". Na verdade, tornaram-se invisíveis, destituídos de identidade, excluídos. Sobre essa tensão entre nativos e imigrantes, Augé (2012, p. 102) afirma que "é à maneira de um imenso parêntese que os não lugares recebem indivíduos a cada dia mais numerosos. Por isso, eles são particularmente visados por todos aqueles que levam até o terrorismo sua paixão pelo território a ser preservado ou conquistado".

Ainda em Augé (2012), temos que "a supermodernidade é produtora de não lugares, isto é, de espaços que não integram os lugares antigos: estes, repertoriados, classificados e promovidos a 'lugares de memória', ocupam aí um lugar circunscrito e específico" (p. 73). Destarte, os Warao tiveram que se adaptar às novas condições - o rio que fornecia água para beber, fazer comida e tomar banho -

deu lugar às torneiras improvisadas do Terminal Rodoviário; o *conuco* - de onde tiravam os alimentos para completar sua dieta, juntamente com a caça e a pesca - deram lugar às doações de voluntários; suas casas, construídas sobre as águas, deram lugar a barracas improvisadas.

No ano de 2017, a Prefeitura de Manaus, por meio da SEMASC (Secretaria Municipal da Mulher, Assistência Social e Cidadania), criou abrigos para acolher e cuidar dos membros dessa etnia, nos bairros da Redenção, Educandos, Alfredo Nascimento e Coroado. Este último teve seu funcionamento apenas no ano de 2017, já que os Warao lá recebidos optaram por deixar o local e seguir em direção a outros Estados.

Há uma bifurcação em se tratando de grupos Warao que vivem em Manaus: existe um grupo que foi encaminhado para um novo abrigo localizado em um sítio no bairro Tarumã-Açu, na zona Oeste da cidade, em julho de 2020, devido ao risco de contágio pela Covid-19⁸, sob a tutela do Estado. Esses abrigos são temporários e paliativos. As preocupações mais urgentes foram relacionadas a abrigo, alimentação e cuidados com a saúde. Não houve espaço ou preocupação com práticas socioeconômicas e culturais, que caracterizam a identidade de um povo.

Existe também um segundo grupo – o dos que não se adaptaram às regras dos abrigos – e moram nas ruas, praticando a mendicância. Michel de Certeau, citado por Augé (2012, p. 79), fala de ‘não lugar’ para fazer alusão a “uma espécie de qualidade negativa do lugar, de uma ausência de lugar em si mesmo que lhe impõe o nome que lhe é dado”. Em ambos os casos, essa etnia encontra-se desprovida de território (no sentido de relevância enquanto ordem material e socioeconômica), língua, costumes e história.

Ademais, sua questão está longe de ser resolvida, pois além do processo de desterritorialização a que foram submetidos, os que vivem em Manaus não têm esperança de retornar ao seu país (SANTOS, 2020) e (SANTOS, 2019) e os que aqui permanecem, não possuem terras demarcadas. Estão em uma situação de "espera". Enquanto isso, uma nova geração de Warao está nascendo em solo manauara, com uma nova identidade (fruto das misturas entre costumes brasileiros

⁸ Agência da ONU para Refugiados. **Novo abrigo aprimora acolhimento de refugiados e migrantes indígenas venezuelanos em Manaus.** Manaus, AM. 16 de jul. de 2020. Disponível em Acesso em 01/11/2020.

e waraos), surgindo daí a necessidade de criação de um novo espaço social onde possam desenvolver essa "nova" identidade, intimamente ligada às questões socioeconômicas, políticas e culturais de seu povo.

Costa (2005, p. 83) afirma que “as identidades são construídas e manipuladas constantemente a partir das relações sociais estabelecidas em diferentes grupos com que os indivíduos convivem em seu cotidiano”. No território nascem e se estabelecem relações que aparentemente não estão ocorrendo nos abrigos e nas ruas de Manaus. A fala de Oliveira (1996, p. 9) resume com exatidão seu estado atual: “os remanescentes das sociedades indígenas, expropriados de suas terras, tornam-se encapsulados em espaços limitados e passam a ter uma sociabilidade fraturada [...]”.

3 CONCLUSÃO

A intenção desse documento foi apresentar um breve contexto demonstrando como era a vida Warao em sua terra natal - destacando sua relação com outros povos e com a natureza - bem como as mudanças territoriais, culturais e identitárias ocorridas no percurso Venezuela-Manaus. Após habitarem os territórios do delta do Orinoco por milênios, os Warao se viram forçados a abandonar suas terras, seus parentes, sua história e seu modo de vida. Muitos foram os quilômetros percorridos e os percalços enfrentados em situações que envolveram a falta de acolhimento, a desconfiança, o preconceito, a violência, enfim, a xenofobia disfarçada em doses cavalares de ignorância.

Mesmo com todas as adversidades, um grande número deles permanece na capital amazonense. Além disso, buscou-se relacionar a atual situação desse grupo com a ideia de não lugar, o qual torna-se impessoal e transforma seus habitantes em seres invisíveis. Ademais, é importante ressaltar que a situação dos Warao está longe de ser resolvida e que seu drama se dá em pelo menos duas frentes: tanto o grupo que vive nos abrigos quanto os que preferem viver nas ruas corre o risco de nunca mais viver em seu antigo habitat, além de continuar invisível, desrespeitado, desvalorizado.

A expectativa é que, em caso de impossibilidade de retorno dessa etnia para sua terra natal, as autoridades possam realocá-los em espaços onde possam

recuperar sua identidade, praticar sua economia e sua cultura: um local onde sejam Waraos vistos, respeitados e valorizados. Também é importante que temas como esse - que envolve um grupo que foi usurpado, estigmatizado e que se encontra deslocado - tornem-se comuns, instigando discussões que remetam a soluções que busquem a melhoria de condições de vida.

4. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AUGÉ, Marc. **Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 9ª ed., Campinas, São Paulo, 2012.

BOTELHO, Emília; RAMOS, Luciana e TARRAGÓ; Eduardo. Parecer Técnico/SEAP/6ªCCR/PFDC nº208/2017, de 14 de março de 2017. **Sobre a situação dos indígenas da etnia Warao, da região do delta do Orinoco, nas cidades de Boa Vista e Pacaraima**. Brasília: Ministério Público Federal/ Procuradoria Geral da República, 2017.

CASTRO, Álvaro A. Garcia; HEINEN, Dieter. **Planificando el desastre ecológico: impacto del cierre del caño Manamo para las comunidades indígenas y criollas del Delta Occidental** (Delta del Orinoco, Venezuela). Antropológica, 91, Caracas, 1999, p. 31-56.

COSTA, Benhur Pinos da. **As relações entre os conceitos de território, identidade e cultura no espaço urbano: por uma abordagem microgeográfica**. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia: temas sobre cultura e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização. Do fim dos territórios à Multiterritorialidade**. Bertrand Brasil, 2004.

HEINEN, H. Dieter, LIZARRALDE, Roberto e GÓMEZ, Tirso. **El abandono de um ecossistema: el caso de los Morichales del Delta del Orinoco**. World Academic Conference on Human Ecology, Jablonna, Polonia, Agosto de 1990.

LAFÉE, Cecilia Ayla; WILBERT, Werner. **Hijas de la luna: enculturación femenina entre los waraos**. Fundación La Salle de Viencias Naturales, Instituto Caribe de Antropología y Sociología, 2001.

LAFÉE-WILBERT, Ayala. **La Mujer Warao: De recolectora deltana recolectora urbana**. Instituto caribe de Antropología y Sociología. Monografía nº51: Caracas, 2008.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **Viagens de ida, de volta e outras viagens: os movimentos migratórios e as sociedades indígenas**. Travessia, janeiro-abril, 1996.

PICHETH, Sara Fernandes; CHAGAS, Priscila Borgonhoni. **Interfaces entre territorialidade e identidade**. Cad. EBAPE.BR, vol. 16, nº 4, Rio de Janeiro, Out./Dez. 2018.

REIS, José. **Uma Epistemologia do Território**. Coimbra, Portugal. Oficina do CES. 2005.

ROSA, Marlise. **A mobilidade Warao no Brasil e os modos de gestão de uma população em trânsito: reflexões a partir das experiências de Manaus-AM e de Belém-PA**. Tese de doutorado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2020.

SANTOS, Elis Alberta Ribeiro. **Deslocamentos transfronteiriços de indígenas Warao: Impactos do desenvolvimentismo moderno à vida indígena**. Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

SANTOS, José Raimundo Torres dos. **Diáspora dos índios Warao da Venezuela**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Boa Vista, 2019.

SAQUET, M. A.; BRISKIEVICZ, M. **Territorialidade e identidade: um patrimônio no desenvolvimento territorial**. Caderno Prudentino de Geografia, v. 1, n. 31, p. 3-16, 2009.

SONEGUETTI, Pedro Moutinho Costa. Parecer Técnico, de 30 de maio de 2017. /SP/MANAUAS/SEAP. Nº 10/2017. **Parecer técnico acerca da situação dos indígenas da etnia Warao na cidade de Manaus, provenientes da região do delta do Orinoco, na Venezuela**. Manaus. Ministério Público Federal.

VENTURA, Luís. **Migração e direitos coletivos: a presença dos Warao no Brasil**. In: Relatório - Violência contra os Povos Indígenas no Brasil. Conselho Indigenista Missionário – CIMI, 2018.